



**REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS**

**SOCIALISTAS MUITO ALÉM DO PARTIDO: CLASSE, NAÇÃO E O
MOVIMENTO OPERÁRIO NA PRIMEIRA REPÚBLICA EM SÃO
PAULO POR LUIGI BIONDI.**

Kauan Willian dos Santos¹

BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

O nosso partido reconheceu a necessidade de não limitar o socialismo à luta eleitoral, que é necessária e ótima para educar, disciplinar, organizar e fazer propaganda para as massas, mas que, sozinha, não pode compreender todos os aspectos da vida individual e coletiva [...] Estamos, portanto, vendo que o socialismo deve ser um socialismo integral, isto é, completo e complexo.²

Através deste e muitos outros rastros e indícios, Luigi Biondi, atualmente professor de História contemporânea da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), compõe sua obra, resultado de uma extensa pesquisa, defendida como tese de doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2002. Com algumas mudanças para o livro, enxugando argumentos e deixando outros mais consistentes, "*Classe e Nação*", publicado pela editora da Unicamp, em 2011, se apresenta como uma ótima oportunidade para adentrar o estudo sobre os conflitos entre grupos sociais imbricados também nas formulações de preceitos nacionalistas ou étnicos.

Neste intuito, o historiador parte dos resultados de sua pesquisa realizada na Itália, onde defendeu sua Tese de Láurea, versada sobre o comportamento e a constituição do principal grupo anarquista em São Paulo de origem étnica italiana,³ para intencionar o resgate da trajetória de outras vertentes políticas, deixadas como secundárias pela historiografia do movimento operário que versaram o período

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo, bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa "História, Memória e Patrimônio do Trabalho" na mesma instituição. Email: kauanwillian09@gmail.com

² Avanti!, 11 de julho de 1902. Citado por BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011. p.186.

³ Ver BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. 1994. 379f. Tese de Láurea (Historia). Universidade de estudos de Roma La Sapienza. Itália: Roma, 1994.

republicano, nesse caso, os grupos socialistas e suas íntimas relações com os movimentos associativos dos trabalhadores, entre estes as sociedades de socorro mútuo, sindicatos, ligas de ofício, a imprensa, bem como círculos políticos e ações recreativas e culturais.

Desse modo, uma das principais preocupações do autor é rebater uma tendência que já foi poderosa entre os pesquisadores que se debruçaram nesse tema: a influência hegemônica do anarcossindicalismo na formação política do operariado no Brasil. Segundo Giuseppina Sferra, por exemplo, o Primeiro Congresso Operário Brasileiro (COB), em 1906, evidenciaria a força predominante do movimento anarquista como expressão política entre os trabalhadores neste período.⁴

Evidentemente foram de muita importância pesquisas como esta que objetivaram o estudo de grupos sociais ofuscados por discursos políticos dominantes ou que foram caçados por estes durante boa parte de suas trajetórias. Tal contribuição se estendeu para afirmar que as correntes ideológicas derivadas dos movimentos trabalhistas não tem existência, necessariamente, dentro de partidos e de seus discursos. Esse viés estava acompanhando com o findar da década de 1980, no qual podemos observar a consolidação do estudo das classes trabalhadoras onde a “Nova História Social do Trabalho” que tinha Edward Thompson como um de seus principais expoentes.⁵ Para o autor inglês, não existe um comportamento correto ou destino predeterminado para a classe trabalhadora seguir, ao contrário, esta se constitui através de suas próprias tradições e culturas significadas em novos contextos, usando novas linguagens e comportamentos para garantir seus interesses na luta de classes.⁶

Portanto, sem desconsiderar a importância e a presença de outros grupos políticos como os anarquistas e os sindicalistas revolucionários mais pragmáticos que, como demonstrado por inúmeras pesquisas, exerceram inegáveis contribuições para a cultura de resistência aos modos dominantes dos poderes estabelecidos, Biondi adentra esse complexo quadro para investigar a trajetória, ora também ofuscada, dos grupos socialistas de origem italiana em São Paulo entre os anos de 1890 e 1920. Assim, para o autor, o socialismo, chamado de *integral* na epígrafe, transcende os aspectos partidários ou representativos, como foram conhecidos em muitos períodos

⁴ Ver SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1982.

⁵ Contribuições da “Nova História do Trabalho” são analisadas por VAN DER LINDEN, Marcel. História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global. *Revista Mundos do Trabalho*, Santa Catarina, v.1, n.1. p.15, 2009.

⁶ Para adentrar o debate ver MUNHOZ, Sidnei. “Fragmentos de um possível Diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos”. *Revista de História Regional*, Paraná: Ponta Grossa, vol.2, n.2, p.149-182, 1997.

de sua história. Em outras palavras, como a cultura política socialista abarca uma série de comportamentos e iniciativas em diversos ambientes de reclamação social.

Para isso, Biondi considera uma ampla rede de documentos oficiais como fichas policiais, ou produzidos pelos próprios personagens investigados na pesquisa, como as cartas, folhetos, opúsculos. Ele também utilizou a imprensa operária, prontuários de associações e sociedades de socorro mútuo. A perspicácia no cruzamento das fontes, percebidos durante a fluída leitura da obra, ocasionam “um quadro impressionante do dinamismo dessa estratégia de amplo espectro”⁷, nas palavras do prefaciador da obra, o historiador italiano Ângelo Trento.

Pela própria origem do autor, foi possível estabelecer relações entre centros de memória e arquivos do Brasil e da Itália, entregando que sua escolha pelo elemento étnico, no caso italiano, escolhido como fio condutor na sua investigação, não seja um mero acaso. Nesse caso, a destreza no debate bibliográfico legitima a sua escolha tanto temporal quanto temática. Resgatando o célebre historiador Eric Hobsbawn, por exemplo, foi possível iniciar afirmando que “combinar identidades nacionais e de classe foi o desafio que tiveram de enfrentar todos os movimentos operários.”⁸ Luigi Biondi aceita esse desafio, também ignorado por alguns autores, de adentrar o complexo debate entre a construção do nacionalismo e sua relação com os embates entre classes sociais. Recusando certa interpretação que via os processos de organização étnicos como empecilhos iminentes à organização classista, ao contrário, de acordo com a eficaz pesquisa empírica, ancorada igualmente em extensivas referências, foi possível afirmar que “a predominância do elemento italiano no mundo do trabalho paulista facilitou os processos de organização”⁹, pois não necessariamente inviabilizava outros tipos de associações. O autor mostra como os socialistas italianos foram, através de sua trajetória criando redes militantes, se infiltrando de maneira irreversível nos instrumentos associativos na cidade. E de maneira eficaz, como o contato e a preocupação em estabelecer relações com o PSI (Partido Socialista Italiano) fizeram com que essa presença, igualmente ancorada em preocupações locais se tornasse uma “grande planta exótica muito bem adaptada e difusa no território paulista”¹⁰. Debate que se insere também na preocupação em resgatar a circulação de ideias e experiências fora dos limites e fronteiras nacionais.

O livro, depois do prefácio e introdução citados, está organizado em seis capítulos de forma cronológica. No primeiro, intitulado *Tradições*, o autor centra sua

⁷ BIONDI. *op.cit.*, p.20.

⁸ Ibidem. p.35

⁹ Ibidem. p.386

¹⁰ Ibidem. p. 387.

análise na constituição das sociedades de socorro mútuo e do mutualismo em São Paulo, relacionando estes com a imigração, especialmente italiana e com as tradições construídas desse fenômeno. Várias questões que gravitam em torno desse objeto são consideradas, entre elas a disseminação, nesses ambientes, dos ideários democráticos, republicanos e da própria presença de militantes nesse processo, demonstrando que para além de um “proto-sindicalismo”, o mutualismo foi um modo de participação ou reclamação social e política pelos agentes que o compunham, fato que possibilitou também a presença dos socialistas nesse. Processo que também é comparado pelos casos já estudados de Nova York e Buenos Aires. Essas constatações se ligam com os *Caminhos*, o segundo capítulo, que mergulha na trajetória política dos republicanos e socialistas italianos no fim do século XIX. Caminhos estes que apesar de nem sempre harmônicos, são desvendados pelo autor, ao realizar um interessante jogo de escalas, comparando trajetórias individuais com conjunturas e possibilidades, ótima oportunidade usada também para problematizar a relação e conflito entre nacionalismo, internacionalismo, patriotismo e ideologia política.

No terceiro capítulo, interessado nas *Construções*, o interesse é focado no início do século XX, quando a luta sindical passou ser um catalisador iminente de diversas iniciativas ativistas na cidade. Nesse sentido, o autor se debruça nas estratégias políticas contidas na imprensa socialista, especialmente no jornal *Avanti!*. Tais trajetórias e intenções continuam sendo demonstradas no quarto capítulo, intitulado *Uniões e Divisões*, no qual é possível evidenciar a prática de personagens em torno na construção de órgãos de reclamação social, como a FOSP (Federação Operária de São Paulo), atividades que também revelam as especificidades e particularidades em torno das greves, sendo muitas vezes eventos limites que, ora uniam diversas redes militantes mas, outras vezes, diferenciaram e dividiram o movimento operário em suas ramificações ideológicas, este sempre com inúmeras dificuldades em se opor aos poderes dominantes. Problemas que também são encaradas pelos próprios agentes históricos abordados na pesquisa, especialmente em *Reconstruções*, o quinto capítulo, que aborda justamente os desafios encontrados pelos socialistas em tempos de suposta paralisia de eventos grevistas ou de boicote (1913-1916), mas que não ofuscaram a grande capacidade de mobilidade desses personagens, adaptando tradições de luta e outros debates locais e internacionais a luz de novas iniciativas.

Por fim, no capítulo final, intitulado como *Insurreições*, o autor enfrenta um complexo debate que aborda a greve geral de 1917, fundindo o peso que algumas investigações deram para o suposto caráter econômico desta em consonância com as

pesquisas que sublinharam a capacidade de auto-organização dos trabalhadores nesse processo. Como se não bastasse, este rico balanço é contrastado com suas contribuições que perpassaram a obra, como a trajetória anteriormente ofuscada dos socialistas e suas relações com a disseminação de ideias experiências transnacionais, o ideário democrático, as associações étnicas em contraste com as de ofício, ligas de bairro e com o sindicalismo revolucionário.

Aliás, não só o autor problematiza o resultado de suas fontes com uma ampla bibliografia e debate internacional como também deixa as portas abertas para futuras pesquisas. Uma destas é o interesse de contrastar a existência de outras formas de associações étnicas, derivadas, por exemplo, de portugueses e espanhóis com os processos de organização do movimento operário, além do embate e simbiose destes com os movimentos reivindicatórios anteriormente existentes, como o movimento abolicionista ou republicano. Outra vertente pode ser resgatar a influência e a extensão desses projetos fora dos recortes geográficos usuais (São Paulo e Rio de Janeiro), preocupação do autor em publicações posteriores.¹¹

Além disso, podemos tencionar algumas de suas conclusões, quando, por exemplo, afirma que “o aporte do movimento anarquista tem de ser reduzido”¹². Com certeza, como demonstrado anteriormente, a importância de sua tese em desmistificar algumas amarras dessa vertente historiográfica é certa, mas como algumas pesquisas atuais versadas sobre as culturas políticas tem sugerido, a existência e o embate entre diversas dessas tendências e ramificações estratégicas não enfraquecem suas demandas ideológicas, ao contrário, pode fortalecer a importância de suas existências, enquanto projetos políticos.¹³ Nesse caso, a relevância do movimento anarquista, demonstrado pelo próprio autor em diversas passagens, quando visto nessa rede complexa de orientações ideológicas, apenas aumenta, pois, nesse caso, teve a necessidade de criar coligações e adaptar constantemente articulações para disseminar diversas de suas posições, demonstrando que essas não estavam estanques da realidade. O debate, portanto, não cabe indagar qual era a posição esquerdista maioral entre os trabalhadores e imigrantes nesse período, mas como estas, que nunca foram majoritárias, comparadas aos discursos e influências de tradições e ideários dominantes, conseguiram sobreviver e, por vezes, garantir direitos

¹¹ Ver BIONDI, Luigi. “Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo.” *Locus*, Minas Gerais: Juiz de Fora, v. 2, p. 41-66, 2008.

¹² *Ibidem*, p.378.

¹³ Ver BERSTEIN, Serge. “A Cultura Política”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.349-359.

ou disseminar projetos que usualmente foram instrumentalizados pelos grupos subalternos.

Mas esse é só um dos muitos debates que a leitura, provinda da pesquisa de fôlego e promissora do historiador Luigi Biondi, pode causar ao seu leitor, ainda mais quando interessado em nosso presente, no qual, muitas vezes, ter posições perante a realidade e almejar a transformação desta pode soar algo ingênuo.